

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

GOIÂNIA DE ATTILIO CORRÊA LIMA, A CIDADE IDEALIZADA E NÃO MATERIALIZADA

Anamaria Diniz (UnB-Universidade de Brasília)

Goiânia de Attilio Corrêa Lima a Cidade Idealizada e não Materializada

Resumo

Recentemente, nas pesquisas realizadas nos arquivos da família Corrêa Lima ¹ foi possível examinar a formação acadêmica de Attilio C. Lima na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) entre os anos de 1920 e 1925, traçar sua trajetória profissional, saber quais influências ele sofreu e responder algumas hipóteses levantadas a respeito das contradições até então atribuídas a seus projetos para Goiânia. Após cursar o doutorado na IUPP, *Institute d'Urbanisme de l'Université de Paris*, onde manteve contato e colaborou com Agache,² foi convidado por Lucio Costa para lecionar a disciplina de Urbanismo na ENBA, inaugurando a formação acadêmica dos urbanistas no Brasil. Attilio Corrêa foi o primeiro urbanista brasileiro com o título de especialista, sendo solicitado nas principais intervenções urbanas brasileiras ocorridas durante o período da Era Vargas.

A formação acadêmica de Atílio Corrêa Lima

O arquiteto Atílio Corrêa Lima teve sua formação na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), durante o período de 1920 à 1925, nos moldes do academicismo, herança da antiga Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), marcada pelas regras e os cânones formais, estéticos e técnicas do estilo das academias de arte.

Os trabalhos de Atílio encontrados no acervo particular da família Corrêa Lima exemplificam a formação clássica da Escola Nacional de Belas Artes, como destaca Souza ao descrever o ensino praticado no curso de arquitetura:

“nada de novo poderia se esperar de professores, que pareciam emissários diretos da *École des Beaux-Arts* de Paris trazendo debaixo dos braços os *Cahiers d'Architecture*” (SOUZA, 1978, p.20).

No ano de 1921 Corrêa Lima freqüentava o segundo ano do curso de arquitetura, produzindo estudos relacionados às Ordens Clássicas, seguindo o tratado de Giacomo Vignola³: *Regola delli cinque ordini dell'architettura*, sistematizações das ordens, definindo proporções de composição, os cânones, a modularidade e apresentação de sistemas geométricos de traçado.

O tratado de Vignola, desde a criação da Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro, era a maior referência na formação dos arquitetos e perdurou por mais de um século, chegando à geração dos primeiros modernistas que se formaram na ENBA.

“A nossa opção era escolher o estilo; ou colonial, ou o espanhol, ou o inglês, tudo “inspirado” nas revistas; caso optássemos pelo clássico, era o Vignola que nos guiava. Continuávamos a não criar nada, uma vez que tudo já estava criado. Copiávamos” (SOUZA, 1978, p.22).

Podemos constatar, ao analisar os trabalhos acadêmicos realizados por Atílio, a imposição desses modelos clássicos de Vignola. Os projetos são realizados em painéis de grandes dimensões com aplicação da técnica em aquarela, todos os desenhos são assinados pelo aluno Atílio Corrêa Lima, contendo data e o nome da ENBA. Há uma sistemática na apresentação das pranchas: uma planta-baixa no centro, logo acima uma elevação da edificação tratada com sombras, contendo uma paisagem ao fundo e em alguns painéis há presença de figura humana, dentro do contexto do “edifício”, templo ou palácio, conforme o tratado de Vignola para os estudos das Ordens da antiguidade clássica grega e romana. São

ampliados os detalhes dos entablamentos e dos capitéis, destacando os coroamentos das colunas, detalhes em alto e baixo relevo com aplicação de cores em tons pastéis.

Nos últimos anos do curso de arquitetura na ENBA, na cadeira de grandes composições, os alunos elaboravam o edifício com uma temática, no qual o projeto apresentado por Attilio de 1925, uma rede de lojas em traços neoclássicos era coerente com os anseios de uma sociedade moderna emergente, que reproduzia os valores estéticos de Paris na principal avenida do Rio de Janeiro, a Avenida Central. A capital do país vivia a “*Belle Époque*”, período em que os padrões culturais e sociais eram ditados pelo gosto francês.

Outra vertente de estilo arquitetônico preconizado na ENBA era o neocolonial, fazendo uma contraposição aos estilos ditos “estrangeiros”, como: “estilo mexicano”, “espanhol”, “inglês” ou “tudor”.

A primeira menção à arquitetura neocolonial no Brasil é a conferência intitulada “A arte tradicional no Brasil: a casa e o templo”, manifesto de 20 de julho de 1914, na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, do engenheiro português Ricardo Severo. O neocolonial desde o início foi executado por estrangeiros: Victor Dubugras, um francês; Georg Przyrenbel, polonês; Ricardo Severo; português; Ranzini, italiano, que não tinham vínculo com a tradição nacional. A produção neocolonial desses profissionais tinha as peculiaridades do país de origem e foram eles que ensinaram o estilo aos arquitetos brasileiros.

O neocolonial chegava ao Rio de Janeiro, assim se refere Santos⁴: “como um desafio lançado ao conservadorismo acadêmico encastelado nas cátedras da Escola Nacional de Belas Artes, que representava para a arquitetura e as artes plásticas o que a Academia Brasileira de Letras representava para a literatura”.

Durante o período em que Corrêa Lima cursou arquitetura na ENBA, José Marianno Filho, um médico nacionalista, membro do Clube dos Bandeirantes,⁵ instituiu o Prêmio Heitor de Mello para o melhor projeto de residência em estilo neocolonial, tendo como argumento a criação de uma arquitetura nacional. Através do concurso, os alunos apresentavam projetos inspirados nas construções sacras e civis do período colonial.

Bruand⁶ afirma que a importância do neocolonial está “em considerá-lo parte essencial na criação da nova arquitetura⁷, sobretudo na ênfase do papel formador do movimento: mais importante, entretanto é o fato de alguns pioneiros da nova arquitetura brasileira (Lucio Costa, Attilio Corrêa Lima, Paulo Antunes Ribeiro, Raphael Galvão e outros) terem passado por uma fase neocolonial antes de se tornarem discípulos de Le Corbusier”.

No acervo particular de Attilio C. Lima, registramos vários trabalhos acadêmicos em estilo neocolonial, de 1925, último ano do curso de arquitetura na ENBA, quando a turma de formandos participava dos salões de exposição e dos concursos da escola. Os projetos são de casarões assobradados, alpendres na fachada, telhados com largos beirais, arcos abatidos, elementos decorativos como balaústres, remetendo ao período do Brasil colônia, apresentados através de perspectivas das fachadas das edificações, pintadas em aquarela, ocupando o centro da prancha, no alto, no canto direito, plantas-baixas com distribuição e identificação dos ambientes da residência.

A influência do neocolonial na trajetória profissional de Attilio estará presente posteriormente nos projetos arquitetônicos elaborados pelo arquiteto em alguns dos edifícios públicos para a implantação da nova capital de Goiás, Goiânia.

As experiências acadêmicas e profissionais de Attilio C. Lima na Europa.

Attilio C. Lima ao finalizar o curso de arquitetura na ENBA, ganha como prêmio uma bolsa de doutorado (1927 a 1930), no *Institute d'Urbanisme de l'Université de Paris* (IUUP)⁸, elaborando um plano de ordenamento e extensão para a cidade de Niterói. A tese desenvolvida teve como professor-orientador Henri Prost, urbanista com experiência em planejamento e construções de novas cidades no Marrocos e no interior da França. O curso no instituto abordava temas técnicos sob um olhar pluridisciplinar, preocupando-se com o “ser urbano” (*l'être urban*) que considerava distinto da forma, mas aceitava a “forma” como produto final do urbanismo, privilegiando o desenho como método de trabalho” (LAMAS, 2004, p.260). As disciplinas estudadas no IUUP eram basicamente História, Arquitetura, Higienismo, Direito Administrativo, Arte Urbana e Economia Política e Social.⁹ Exemplificando essa maneira clássica e tradicional de ensinar urbanismo, J.M. Greber¹⁰, professor nos primeiros anos de Corrêa Lima no doutorado, lecionava a matéria: “Arte e a Técnica de Construções de Cidades”, enfatizando a importância dos aspectos de higiene, circulação (vida econômica) e a estética como princípios fundamentais para o processo de projeção das novas cidades.

A tese de doutorado de Attilio: *Plan d'Aménagement et d'Extension de la Ville de Niterói au Brésil* é inicialmente apresentada por uma descrição histórica, geográfica, social da cidade de Niterói e seus habitantes. Em um segundo momento, vários gráficos são

desenvolvidos após os levantamentos, como um diagnóstico, que serão utilizados para contextualizar as soluções físicas de intervenções urbanas na última parte do trabalho.

Aproveitando a sua estada em Paris, Corrêa Lima atuou como arquiteto no ateliê do professor Alfred Agache (1929), no plano de remodelação e embelezamento do Rio de Janeiro, contribuindo com informações valiosas, uma vez que tinha conhecimento de dados técnicos da cidade.

Na tese de doutorado de Attilio C. Lima existe uma estreita relação entre o traçado urbano proposto para Niterói e o do plano de remodelação para o Rio de Janeiro de Alfred Agache. As semelhanças nas soluções urbanísticas para as duas cidades ficam mais evidentes pelo aspecto da implantação geográfica, ambas cidades estão entre a serra e o mar. Agache, assim como Attilio, projeta grandes avenidas em diagonais que cortam uma malha ortogonal, dividem a cidade em zonas funcionais e sub-centros, tiram partido dos eixos visuais para criar a monumentalidade nos edifícios administrativos. A cidade, em ambos os casos, tem a sua expansão em crescimento estelar, o sistema de circulação e o traçado viário são hierarquizados, há praças rotatórias para facilitar o trânsito de veículos, o porto como portal da cidade, e a arquitetura definindo os espaços urbanos. Todos esses elementos fazem parte dos paradigmas urbanísticos da escola francesa, ou do urbanismo formal, presentes nas construções das novas cidades-capitais e nas intervenções urbanas pós - primeira guerra.

No Congresso de Urbanismo de Paris (1928), Attilio C. Lima participa como ouvinte das discussões sobre o “esquema ideal de cidades”, uma espécie de tratado da urbanística francesa, onde são definidas diretrizes para o tecido urbano, com a diferenciação em zonas.¹¹ “A divisão da cidade por categoria de uso e a conseqüente criação de “zonas especializadas,” com certeza, antecipavam os princípios básicos do Movimento Moderno que iriam ser estabelecidos cinco anos mais tarde na Carta de Atenas” (ACKEL, 1996, p.30).

A tese de Corrêa Lima para Niterói, a colaboração nos planos de Agache para remodelação do Rio de Janeiro e as participações nos encontros e congressos de urbanismo na Europa foram experiências que antecederam e influenciarão seu primeiro trabalho como urbanista no Brasil, os planos de Goiânia.

Goiânia de Atílio Corrêa Lima

“Quereis a Capital aqui? Pois bem! Com a lei ou sem a lei, pela força do direito ou pelo direito da força, te-la-eis aqui muito em breve.”¹³

Apoiado por grupos de fazendeiros da região sul e sudeste do estado de Goiás, o interventor Pedro Ludovico Teixeira, após a Revolução de 1930, centralizou seu esforços para construir uma cidade moderna e torná-la a nova capital, deslocando o poder político, até então monopólio da oligarquia caiadista¹⁴ que estava sediada em Vila Boa de Goyaz, para o centro econômico do estado.

A nova capital não só significou a construção de uma cidade planejada, mas antes de tudo materializou a ideologia expansionista e desenvolvimentista da campanha getulista da Marcha para o Oeste.¹⁵ Goiânia inaugurou o discurso nacionalista de ocupação territorial, simbolizando o “novo, o moderno e o progresso”, objetivando tirar Goiás da sua insignificância política e econômica.

Em 1933, Atílio C. Lima recebeu convite de Pedro Ludovico para elaborar os projetos e supervisionar as obras de implantação de Goiânia, sendo o objeto de contrato: a organização do traçado da cidade, os projetos de infra-estrutura, plano diretor, os projetos arquitetônicos dos principais edifícios públicos e casas para funcionários, além da estruturação administrativa.

Após a execução de relatórios e da escolha do sítio por uma comissão técnica, Atílio não questiona a região escolhida, porém discorda do local indicado para implantar a área central da nova capital.

“o local denominado Paineira para o assentamento do núcleo inicial, discordamos dessa opinião por ser o local muito deslocado da estrada de rodagem. Sendo a estrada a artéria vivificadora do organismo urbano, tudo indicava que o núcleo central devia ser atravessado por aquela”.(LIMA, 1937, p.96)

O urbanista projeta o núcleo inicial mais próximo da rodovia que então fazia a ligação entre Campinas, cidade que deu apoio à construção de Goiânia, e a cidade de Leopoldo de Bulhões, onde chegava a ferrovia.

O primeiro esboço de Goiânia é a definição “do lugar”, onde Atílio estabelece a figura geométrica do triângulo como sítio da Nova Capital (figura 1).



Figura 1 – Esboço da implantação de Goiânia de Atílio C. Lima, os córregos Botafogo e Capim Puba que são cortados pela estrada de rodagem que fazia ligação entre Leopoldo de Bulhões e a cidade de Campinas. O triângulo equilátero representando a Nova Capital. Desenho sobre a matriz do esboço original. Foto da autora, reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

Nas pesquisas realizadas no acervo do arquiteto descobrimos os estudos iniciais, croquis, nos quais são desenhados os limites físicos do território a ser ocupado. A figura geométrica que Atílio escolhe para simbolizar esse núcleo inicial é um triângulo equilátero que podemos interpretar como um “gesto divino” do urbanista desejando que o traçado da cidade se eternize. Posteriormente esse simbolismo estará no inconsciente dos futuros moradores da cidade, através do mito do manto da “Nossa Senhora”, como descreve Metran:

“Goiânia foi concebida, no seu núcleo central, analogamente a cidade barroca, sendo o palácio do príncipe o seu foco principal. O imaginário da população, porém preferiu que ela se assemelhasse à cidade medieval, fazendo valer a visão religiosa do mundo. No núcleo central está o palácio do governo, não existe a catedral, mas é lá que a mente divina, simbolizada pela cabeça da santa, esta vigilante, visivelmente invisível a abençoar a cidade.” (METRAN, 2005, p.70)

No urbanismo formal, a leitura para o “triângulo” é a presença de “pé-de-pato”,¹⁶ das influências da escola francesa no traçado das cidades clássicas, guardando um paralelo na sua origem: a evocação ao sagrado e ao poder, como o próprio Atílio descreve:

“Da topografia tiramos partido também para obter efeitos perspectivados, com o motivo principal da cidade, que é o centro administrativo. Domina este a região e é visto de todos os pontos da cidade e principalmente por quem nela chega. As três avenidas mais importantes convergem para o centro administrativo, acentuando assim a importância deste em relação à cidade,

que na realidade deve-lhe a sua existência. Guardando as devidas proporções, o efeito monumental procurado é o do princípio clássico adotado em Versailles, Karlsruhe e Washington.” (LIMA, 1937, p.52)

Ao analisar a implantação da cidade de Goiânia planejada por Corrêa Lima, “pode-se observar o polimorfismo de um ideário pelo contato entre diferentes formas de ver a cidade” (GOMES 2005:25). Esse polimorfismo está inicialmente no traçado radiocêntrico que parte do Centro Cívico ou Administrativo, como “uma teia de aranha”, remetendo à morfologia das cidades medievais. Há uma singela intenção em fazer a cidade radial, logo a centralidade é abandonada e toma uma outra configuração, quando Attilio afirma que “tirou partido da topografia para criar o efeito perspectivo, destacando o centro administrativo, através das três avenidas que convergem para praça”, ele faz uso da forma urbana clássica “pé-de-pato” para que o Palácio do Governo seja visto de todos os pontos da cidade. O modelo urbanístico adotado é o renascentista, na medida em que é cenográfico, a Praça como o Palácio do Governo não são vistos de todos os pontos da cidade como afirma o urbanista, tem mais um caráter simbólico do que efetivo, do poder, no caso específico, da centralidade política do interventor, Pedro Ludovico, o idealizador da Nova Capital.

Somado aos elementos da cidade medieval, da cidade renascentista, Corrêa Lima “comprometido” em materializar a política personalista do Governo intervencionista, coloca como ponto focal da Praça Cívica um ícone de propaganda getulista: o bandeirante:

“No cruzamento dos eixos das avenidas Pedro Ludovico, Araguaia, Tocantins e ruas 10, 26, 34 e 35, deverá ser erigido futuramente um monumento comemorativo das bandeiras descobertas, e riquezas do estado, figurando como homenagem principal a figura de Anhangüera.” (LIMA,1937, p.105)

Nos esboços elaborados para definir as avenidas que convergem para o Centro Cívico , as perspectivas partem do “Anhangüera”¹⁷, a cidade de Goiânia é vista pelo bandeirante e teoricamente a cidade “o vê” como elemento mais importante do conjunto da praça. A perspectiva não tende para a infinitude, como em Versailles, mas para um ponto focal que é o Anhangüera.

“(…) Primeiro vieram os bandeirantes desbravadores de terras, ávidos por ouro, dizimadores de índios. Abriram picadas na mata quase virgem colecionaram doenças, inventaram roças de sobrevivência e chegaram à terra dos índios goyazes. E mais chegaram ao ouro dos índios goyazes. O encontro entre a sede e o pote.” (CHAUL, 2000, p.113)

A cidade é pensada sob o ponto de vista do bandeirante, a “cabeça do triângulo” não é a da santa, mas a do “rei” mascarado de Anhangüera.

O mito do bandeirante, imagem concretizada na história nacional, é sinônimo do homem bravo e destemido, “que enfrenta várias dificuldades para desbravar os desconhecidos e misteriosos sertões brasileiros” (FERNANDES, 2003).

O próprio interventor Pedro Ludovico Teixeira se intitulava um bandeirante. Em seu livro *Memórias*, ele transcreve trechos de um artigo do jornal *A Tarde*, 1936, estabelecendo uma sintonia com o conteúdo simbólico do texto que o compara ao temido Anhangüera:

“Só um filho genuíno dos sertões, conhecedor do abismo que separa a civilização existente nas metrópoles da noite colonial do vasto Hinterland brasileiro, pode calcular, com precisão matemática, o esforço e a coragem de quem vem dando provas o sr. Pedro Ludovico (...) o novo Anhangüera. Sua audácia no seio da terra bravia de Goiás lembra a teimosia dos primeiros desbravadores da capitania, entre eles o legendário Anhangüera, que investia contra a ferocidade dos Goiatacazes e fazia arder a superfície das lagoas, assustando os filhos das selvas com emissários do inferno” (FERNANDES, 2003, p.50)

O fato de ter o Anhangüera como figura de exaltação e de homenagem na principal praça da Nova Capital parece bastante contraditório, uma vez que os índios Goyases deram origem ao nome da Capitania, do Estado e da cidade de Goiânia, e foram dizimados exatamente pelos bandeirantes. Por outro lado, à medida que esse símbolo, a do bandeirante, tem por trás a própria figura e a projeção da imagem do idealizador da Nova Capital, Pedro Ludovico (ele se identifica com o Anhangüera e usa o discurso do desbravador e do herói para construir Goiânia), e ainda, somado aos princípios nacionalistas do Governo de Getúlio Vargas, nesse contexto, o ponto focal da cidade toma outros contornos, onde o urbanista Attilio traça um monumento coerente com o pensamento político, autoritário e centralizador.

Nos esboços iniciais para a definição da configuração da Praça Cívica e das avenidas principais que convergem para ela, Attilio determina como ponto focal para as perspectivas, o monumento ao bandeirante.

Quando Corrêa Lima projeta o monumento em homenagem ao Anhangüera no centro da Praça Cívica e afirma que daquele ponto todas “as perspectivas” partem para traçar as principais avenidas da cidade, sendo ele visto por todos que chegam na cidade, o bandeirante está no “ponto mais alto e é avistado” de qualquer lugar, o urbanista está se referindo ao “rei”, o interventor Pedro Ludovico Teixeira. É o interventor, o “duce”, o “Führer”, como um Deus,

quem está em todos os lugares, onipotente, no centro das atenções, dele partem todas as ações, todos podem vê-lo de qualquer ponto e o Centro Cívico, a cidade só tem sua materialização por conta da vontade do “desbravador”, do herói, a ele todos os seus “súditos” devem a existência da Nova e moderna Capital.

Analisando as imagens e símbolos que estão por trás das formas e dos traços urbanos é possível fazer uma conexão do urbanismo de transição¹⁸ com as questões políticas nacionais e locais. Essa leitura simbólica dos elementos que estão presentes no urbanismo de Goiânia e que vão além do desenho urbano, fundamenta o traço do urbanista Corrêa Lima em uma cidade centrada no poder do interventor Ludovico Teixeira, representante local do ditador Getúlio Vargas.

O ponto focal, o monumento no centro da praça, para o qual convergem as avenidas, para alguns autores simboliza um dos elementos do traçado barroco. Para outros autores, como descreve Gasparini (1972), o conceito de “cidade barroca” se relaciona mais com sua nova condição de “cidade capital”, absolutista e centralizadora, onde passo-a-passo se consolida o poder, do que na suposta novidade do seu traçado.

O “caráter barroco” em Goiânia é mais simbólico do que urbanístico, fazendo um paralelo à definição de Gasparini, quando o autor conceitua o urbanismo barroco: “os novos traçados eram um meio de propaganda política e religiosa, onde a forma urbana se inseria na esfera das formas destinadas à persuasão ou, em outras palavras, das formas retóricas”. Exatamente através dessas características: a da propaganda política e a persuasão, que o “barroco goiano” se materializa.

Corrêa Lima lança mão de alguns princípios do urbanismo modernista, preconizados durante o Congresso de Urbanismo em Paris (1928) que ele participou enquanto fazia seu doutorado na IUPP, como a setorização das áreas para destinação de usos específicos:

“O zoneamento da cidade é feito procurando satisfazer as tendências modernas, de localizar os diversos elementos da cidade em zonas demarcadas a fim de não só obter a melhor organização dos serviços públicos, como também, para facilitar certos problemas técnicos, econômicos e sanitários, não se falando aqui na estética.” (LIMA, 1958, p.101)

Lima então setoriza a cidade nas seguintes zonas (figura 2): Centro Administrativo ao redor da Praça Cívica, Centro Comercial ao longo da Avenida Pedro Ludovico, Avenidas Araguaia e Tocantins, Zona Industrial nas quadras abaixo da Avenida Paranaíba, Zona Residencial Urbana na área Leste e Oeste, Zona Residencial Suburbana na área Sul e Zona

Rural. Há uma preocupação do urbanista em preservar as áreas verdes e as matas ao redor dos córregos Botafogo e Capim Puba, como parques lineares. No relatório do plano diretor, Attilio descreve a importância do Estado em controlar as vendas dos lotes para que sejam evitadas as especulações imobiliárias e futuras modificações dos projetos.



Figura 2 – Estudo de setorização para Goiânia de Attilio Corrêa Lima, 1932-1935.
Foto da autora, reprodução do acervo particular da família Corrêa Lima.

Para o Setor Comercial, Attilio Corrêa Lima, à maneira de Ildefonso Cerdá para o plano de expansão de Barcelona, faz uso das quadras e quarteirões valorizando as áreas públicas, integrando o edifício ao urbanismo, esse define a forma do urbano, como nos planos de Agache para o Rio de Janeiro. Há uma valorização das áreas internas das quadras, como passagens entre ruas, travessias de ligação: o público e o privado se confundem.

Esse modelo de ocupação modernista¹⁹ será abandonado posteriormente nos projetos executivos de Corrêa Lima, talvez por pressões de cunho especulativo. A cidade terá seu parcelamento tradicional em lotes e muito do urbanismo idealizado por Attilio será alterado logo que ele entrega as obras em 1935, em fase inicial, para os engenheiros Coimbra Bueno, sobrinhos do interventor Pedro Ludovico, que se apropriam dos projetos e dos empreendimentos da capital.

O plano urbanístico de Goiânia de Attilio, apesar do polimorfismo, é um plano aberto que prevê a expansão do núcleo inicial, através de uma malha ortogonal, em todos os sentidos, respeitando a topografia do sítio.

As vias de circulação projetadas são hierarquizadas, seguindo uma lógica numérica, como no plano de Nova York. São previstas ligações da Nova Capital por via férrea²⁰, a Avenida Pedro Ludovico (atual Avenida Goiás), avenida monumental da cidade, liga a estação ferroviária, como um portal da cidade, à Praça Cívica. Attilio projetou um

aeródromo muito próximo ao centro urbano, na época a única ligação de Goiânia com o resto do país e ainda idealizou uma estação de hidroaviões para o Lago Jaó, onde haveria a represa que gerava energia elétrica para a cidade. Interessante observar que em nenhum momento o urbanista cita em seu plano uma “estação rodoviária”, não há projeto para um terminal rodoviário nos planos originais.

Com o afastamento de Attilio Corrêa Lima das obras e dos projetos que elaborou para Goiânia, o urbanista deixou os estudos e planos com os engenheiros Coimbra Bueno. A “história oficial” tentou diminuir a importância que Attilio teve na implantação da Nova Capital e a sua efetiva participação nos projetos executivos. Por isso, há várias informações incorretas a respeito do que foi feito pelo arquiteto e como foram elaborados os planos para Goiânia.

Ao visitar o acervo da família Corrêa Lima, nos deparamos com uma série de novas e esclarecedoras informações através das leituras dos estudos e projetos originais que Attilio elaborou para Goiânia. São anotações, relatórios, croquis, tabelas, gráficos que reforçam a sua dedicação e participação em realizar a implantação da Nova Capital para Goiás de uma forma comprometida com o ideário de Pedro Ludovico. Constatamos que a sua participação se estende até aos detalhamentos das quadras, projetos técnicos de infra-estrutura e paisagismo.

As contradições em atribuir o que é a cidade planejada por Attilio e o que é a cidade modificada pelos Coimbra Bueno, a exemplo de Yves Bruand, que, em *Arquitetura contemporânea no Brasil*, após descrever o plano de Attilio para Goiânia, faz uso de uma ilustração que não é o plano original de Attilio (fig. 319 - pág. 350), mas as colagens já realizadas sobre o projeto original. Isto se dá justamente pela apropriação e modificações dos projetos de Corrêa Lima pelos engenheiros Coimbra Bueno, ainda na fase inicial das construções e aberturas das vias da capital. Eles não só se fizeram autores dos planos de Attilio, como também alteraram grande parte do traçado e da arquitetura projetada pelo urbanista.

Os Coimbra Bueno tinham interesse em afastar Attilio Corrêa Lima da execução das obras, uma vez que eles planejavam tomá-las para a sua gerência com fins políticos e financeiros. Para isso, os engenheiros enviam uma correspondência ao interventor Pedro Ludovico, colocando em dúvida a capacidade do urbanista Corrêa Lima em projetar a Nova Capital:

“No intuito de adotar a Nova Capital, de um plano de urbanização que esteja isento de qualquer falha, que possa, garantidamente, representar um trabalho dotado de todas as vantagens que o nível de desenvolvimento atual da

técnica pode facultar, e que se garanta expressão do mais perfeito dentro dos conhecimentos atuais, já lhes lembramos a necessidade de submeter o plano apresentado pelo urbanista Attilio Corrêa Lima, cujo valor nem de longe queremos diminuir, ao estudo de uma comissão composta por técnicos da maior idoneidade no assunto, evitando assim qualquer lapso, porventura existente neste trabalho, venha prejudicar futuramente o desenvolvimento da cidade, o que sentimos ser nosso dever procurar evitar”. (ALVÁRES, 1942, p.13)

Várias foram as modificações realizadas no plano original de Attilio Corrêa Lima, uma vez que as dificuldades técnicas, mão-de-obra, materiais e o isolamento físico, dificultaram a execução da cidade idealizada e ainda determinaram o que a cidade é hoje: uma cidade fragmentada feita de várias colagens sobre um traço original.

O próprio Attilio destaca essas dificuldades numa entrevista concedida ao jornal *Vanguarda*, sob o título: “Uma ossada de uma localizou o marco zero da cidade de Goiânia. No lugar em que o boi é mais útil que o motor a explosão”:

“Em pleno sertão deveríamos construir uma cidade. Três fatores deveríamos enfrentar: a dificuldade de obter material – ainda inexplorado na ocasião; o problema da mão-de-obra deficiente, não adaptada aos métodos modernos de construir; e finalmente , os transportes para o material vindo de fora. E como se não bastassem as dificuldades acima descritas, tivemos a luta política. De duas maneiras apresentou-se o problema da mudança da capital: a luta aberta desencadeada pela oposição durante o período da propaganda eleitoral e a luta subterrânea da resistência passiva movida pelos interesses prejudicados na mudança do centro vital do Estado”.(MANSO, 2001, p.108)

À luta subterrânea podemos acrescentar, os interesses políticos que tiveram os engenheiros Coimbra Bueno, braços direitos do então interventor, posteriormente traíram o tio e se tornaram além de donos de grande parte das terras da Nova Capital, uma vez que eram remunerados pelos serviços de obra civil com terrenos, Jerônimo Coimbra Bueno, o sobrinho mais velho, foi governador do Estado de Goiás em oposição a Pedro Ludovico.

Corrêa Lima abriu um processo contra os Coimbra Bueno pela utilização de seus projetos, escreveu ao Procurador do Estado de Goiás, Duque de Estrada, para que tomasse providências no sentido de esclarecer os “atos não éticos” dos engenheiros. Num trecho da carta ele descreve como encaminhava os projetos e como deixou o andamento das obras em Goiânia:

“A direção de obras foi entregue ao Sr. Jerônimo Coimbra Bueno fiscal naquela ocasião por parte do Estado, não cessou a minha atividade, pois continuei nos estudos do plano até sua conclusão final, sendo acima referido Engenheiro o encarregado de receber de minha parte todos os trabalhos e dar quitação. Quando deixei as obras de Goiânia era o seguinte o seu andamento: Palácio do Governo, Grande Hotel levantado, sendo que o Palácio já externamente revestido, Secretaria Geral na laje de cobertura do 1º

pavimento e 20 casas para funcionários em andamento sendo que uma já preste a ser entregue.”²¹

Há uma distância bastante significativa entre a cidade planejada, idealizada, e a cidade construída, aquela que foi possível ser materializada.



Figura 3 – Plano de Attilio Corrêa Lima para Goiânia. **Figura 4** - Modificações ao plano original introduzidas pelos irmãos Coimbra Bueno, com assessoria de Armando de Godoy.

Fonte: Seplan.

No plano original de Attilio foram alteradas não só as dimensões das principais avenidas, mas também o formato da Praça Cívica que passou a ter um formato radial, com jardins e espelhos d’água, mais aberta, diferente da Praça fechada, seca, em formato de ferradura.

Nas análises preliminares, além das alterações da configuração da Praça Cívica, a implantação dos edifícios ao seu redor também foi modificada, mas a maior intervenção que desfigurou o plano original de Attilio foi a implantação do bairro-jardim no Setor Sul. A título de estarem antenados com o que acontecia na Europa, os Coimbra Bueno, assessorados pelo engenheiro Armando de Godói, alteram toda a região Sul destinada ao Setor Residencial. Um novo desenho foi incorporado à cidade, sobre o traçado inicial de Attilio. Essa colagem sobre o plano original determina uma “tragédia” no dia-a-dia dos seus habitantes no que se refere a deslocamento, identificação dos lugares e endereços. Uma certa lógica urbana, que se espera de uma cidade planejada, foi simplesmente desprezada pelos engenheiros (figuras. 3 e 4).

Na arquitetura, alterações foram introduzidas para se adequarem às dificuldades técnicas e de mão-de-obra local. Muitas vezes, em função da escassez econômica, os materiais empregados nas construções eram rudimentares. Não houve apoio financeiro à construção da Nova Capital por parte do Governo Federal, apenas incentivo político.

Attilio detalhou para alguns prédios públicos, como exemplo o Grande Hotel, lajes planas impermeabilizadas e grandes panos de abertura em vidros, elementos arquitetônicos totalmente inviáveis de execução para a realidade nacional daquela época (1934), o que dizer da local. O arquiteto, influenciado pelo que vira na Europa nos discursos iniciais da arquitetura modernista, desejava realizar uma cidade moderna, porém não levou em conta as condições locais precárias.



Figura 5 – Foto da construção de Goiânia, 1934.
Fonte Seplan-Goiânia

A cidade modernista, Goiânia, foi construída com carros de bois, mão-de-obra quase escrava, os materiais construtivos eram transportados no lombo de mulas. A foto 5 exemplifica esse surrealismo, parecendo mais uma pintura, onde o pano de fundo da cidade edificada, o Palácio do Governo, dito “moderno”, contrasta com a imagem do carro de boi e o trabalhador, que parecem figuras tiradas do Brasil Colônia. Por um lado, o que parece ser contraditório, surreal, espelha a modernidade sendo “construída” por velhas estruturas, não só simbolicamente, mas efetivamente.

A modernidade parece distante, uma utopia: por trás dessa construção do “moderno”, estavam as estruturas do passado, arcaicas, velhas e desgastadas.

Considerações finais

O percurso acadêmico e profissional de Attilio Corrêa Lima foi marcado pelo academicismo na sua formação na Escola Nacional de Belas Artes, reforçado pelo doutorado no Instituto de Urbanismo de Paris, e pelas influências de Agache, a transição ao modernismo aconteceu por meio do neocolonial e, ao assumir as linhas modernistas, elas ocorrem inicialmente pelo contato de idéias de Le Corbusier e se manifestam de uma forma ainda tímida na implantação de Goiânia.

Tanto a produção urbanística quanto a arquitetura produzida por Attilio Corrêa Lima para Goiânia são marcadas pela diversidade de formas e de experiências acumuladas ao longo de sua formação, num momento de transição, entre academicismo e modernismo.

Logo após os projetos de Goiânia, Attilio segue seu caminho no urbanismo e na arquitetura modernista, sendo convidado para elaborar o plano diretor para o Recife, a Estação de Hidroaviões do Rio de Janeiro, o plano da cidade industrial de Volta Redonda e os conjuntos habitacionais da Várzea do Carmo em São Paulo.

Attilio Corrêa Lima teve participação enquanto profissional em dois momentos marcantes na história do desenvolvimento do país, do discurso da modernidade da Era Vargas, coincidência ou não, o urbanista projetou a primeira cidade planejada do século XX no Brasil, Goiânia, inaugurando a política de interiorização do país, da exaltação aos valores nacionalista e num segundo momento, Volta Redonda, um ícone da industrialização com a implantação da Siderúrgica Nacional.

Referências bibliográficas

- ACKEL, Luis Gonzaga Montans. *Attilio Corrêa Lima: um urbanista brasileiro (1930-1943)*. Dissertação de Mestrado: Universidade Mackenzie - São Paulo, 1996.
- ALVARES, Geraldo Teixeira. *A luta na epopéia de Goiânia*. Rio de Janeiro: Gráfica Jornal do Brasil, 1942.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- Cadernos PPG-AU/ Fau – FBA*. “Urbanismo Modernista – Brasil, 1930-1960”, Fau-FBA, 2005.
- DAHER, Tânia. *Goiânia, uma utopia europeia no Brasil*. Goiânia: ICBC, 2003.
- FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Editora Nobel, 1987.
- FERNANDES, Marilena Julimar. *Percurso de memórias: a trajetória política de Pedro Ludovico Teixeira*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2003.
- KESSEL, Carlos. *Vanguarda efêmera: arquitetura neocolonial na Semana de Arte de 1922*. Estudos Históricos, Arte e História: CPDOC/FGV, n.30, 2002.
- KOTHE, Flávio R, *O cânone republicano II*. Brasília: UnB, 2004.
- GASPARINI, Graziano. *América, barroco y arquitectura*, Ernesto Armitano Editor, Caracas, 1972.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- LIMA, Attilio Corrêa. *Avant-projet d'aménagement et d'extension de la ville de Niterói au Brésil*. Bibliothèque de L'Institut d'Urbanisme de L'Université de Paris, 1932.
- LONDON, Marcos Zanetti. *A circulação de idéias urbanísticas no meio acadêmico e profissional e sua influência nas obras de Donat Alfred Agache e Attilio Corrêa Lima*. UFRJ- Mestrado, 2001.
- MELLO, Márcia Metran. *Moderno e modernidade: a arquitetura dos dois primeiros fluxos desenvolvimentistas de Goiânia*. São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- _____. *Goiânia: cidade de pedra e de palavras*. Brasília, 2004. Tese-Sociologia da Universidade de Brasília
- MANSO, Celina. *Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea – um certo olhar*. Goiânia: Edição do autor, 2001.
- MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Como nasceu Goiânia*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938.

- PINTO, Rubia-Mar. *Contornos da relação Estado, sociedade e intelectuais em Goiás na década de 1930*. Programa de Pós Graduação em Educação FE/UFF, 2006.
- PUPPI, Marcelo. *Por uma história não moderna da arquitetura brasileira: questões de historiografia*. Campinas-SP: Pontes Editores, 1998.
- SANTOS, Paulo. *Quatro séculos de arquitetura no Brasil*. Perspectiva. 1981.
- SOUZA, Abelardo de. *Arquitetura no Brasil: depoimentos*. São Paulo: Diadorim, 1978.

Notas

- 1 Bruno Corrêa Lima, filho de Attilio Corrêa Lima, também arquiteto e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro colaborou com essa pesquisa relatando as experiências do pai e cedendo para reprodução fotos, documentos e projetos.
- 2 Donat Alfred Agache, arquiteto e urbanista francês, um dos fundadores do Instituto Francês de Urbanistas (1911), participou de vários projetos urbanísticos de novas cidades-capitais e intervenções urbanas.
- 3 Giacomo (ou Jacopo) Barozzi da Vignola foi um dos grandes arquitetos maneiristas do século XVI, referido muitas vezes apenas como Vignola. Os seus dois livros publicados ajudaram a formular os cânones do estilo clássico na arquitetura: *Regole delle cinque ordini d'architettura* Regras das cinco ordens da arquitectura, (publicado pela primeira vez em Roma, 1562) e o póstumo *Due regole della prospettiva pratica* (Duas regras da perspectiva clássica, Bolonha 1583).
- 4 SANTOS, P. F. - *Quatro séculos de arquitetura*. Rio de Janeiro, IAB, 1981.
- 5 O Club dos Bandeirantes foi criado entre 1926 e 1927, com sede no Rio de Janeiro, sob a direção do engenheiro Adelstano Porto d'Ave. Este grupo teve importante atuação nos ideais da década de 1920 e nos debates sobre o desenvolvimento do país a partir do resgate de valores nacionalistas. A entidade reunia pessoas de diversas categorias profissionais, todos homens. Eram discutidos temas que teriam maior destaque nas décadas seguintes durante o governo autoritário de Getúlio Vargas, como a formação de toda a estrutura administrativa do Estado, valorizando a educação, o bem-estar, a saúde e os direitos do trabalhador; a natureza e o meio-ambiente brasileiros; promoção de políticas de integração nacional, através de um maior investimento nos meios de comunicação e de transportes, sobretudo o rodoviário; e, por fim, a valorização de todo tipo de manifestação cultural genuinamente brasileira, em todos os seus segmentos – Arte, Arquitetura, Literatura, Patrimônio e Folclore. COSTA, Rosa e GAMA, Renato, *O Brasil do Club dos Bandeirantes*.
- 6 Bruand: *Arquitetura Contemporânea no Brasil*.
- 7 Nova arquitetura, a expressão está dentro do contexto da arquitetura modernista internacional que se adequa as condições climáticas e regionais do Brasil, o neocolonial seria uma modernidade efêmera, por qual passaram alguns dos primeiros modernistas, como Lucio Costa e Attilio Corrêa Lima.
- 8 O *Intitut d'Urbanism de l'Université de Paris*, criado em 1924, um das mais importantes e tradicionais escolas do urbanismo formal da Europa, caracterizava-se pelos traçados clássicos, quadriculas, praças e perspectivas desenhadas à aquarela e carvão.
9. *As circulações de idéias urbanísticas no meio profissional e acadêmico e a sua influência nas obras de Donat Alfred Agache e Attilio Corrêa Lima*. LONDON, Marcos Zanetti, 2002-FAU-UFRJ.
- 10 Arquiteto e Urbanista que trabalhou nos planos de Marselha, Filadélfia, Otawa e Montreal.
- 11 Eram divididas em sete zonas: Zona 1- centro comercial e administrativo; Zona 2- bairros de habitação coletivas; Zona 3- bairros de habitação individuais; Zona 4- áreas industriais; Zona 5- áreas de indústrias; Zona 6- bairros operários; Zona 7- bairros para as mansões de luxo.
- 12 Urbanismo, cadeira criada na reforma de 1931, Attilio Corrêa Lima (arquiteto, urbanista)- GALVÃO, Alfredo, *Subsidios para a história da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes*, Rio de Janeiro, 1954.
- 13 Pedro Ludovico Teixeira, interventor do estado de Goiás, 1930.
- 14 A partir de 1912, a elite dominante na política goiana, passou a ser a dos Jardim-Caiado, popularmente conhecida como Caiadismo. Somente foi afastado do poder quando o movimento renovador de 1930 tornou-se vitorioso. Em Goiás, seu grande opositor foi o médico Pedro Ludovico Teixeira.
- 15 Marcha para o Oeste: política de interiorização e ocupação dos territórios da região Oeste do Brasil, dentro da campanha de nacionalização de Getúlio Vargas.
- 16 Pé-de-pato é uma forma urbana clássica constituída de um triângulo formado por três axis radiais e que tem na Piazza del Popolo em Roma, e na Place des Armes em Versailles, sua versão mais acabada (YAMAKI, 1991:237).
- 17 Anhangüera, que em tupi-guarani significa “diabo velho”. Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera, foi um dos mais importantes bandeirantes a desbravar o interior do Brasil durante o período colonial.
- 18 A transição a que referimos, é a do urbanismo clássico da escola francesa para o urbanismo moderno preconizado por Le Corbusier.

19 A ocupação modernista dos espaços urbanos, no caso de Barcelona de Cerdá, as quadras são ocupadas por projeções dos edifícios formando praças internas e ruas. Não há uma relação do edifício com a unidade “lote”, há uma integração entre espaço público e privado. Esse conceito será retomado por Le Corbusier ao definir o urbanismo moderno.

20 A ferrovia chegou em 1952 em Goiânia.

21 Trecho da carta encaminhada a Duque de Estrada, procurador do Estado de Goiás, por Atílio Corrêa Lima. Cópia do original do acervo da família Corrêa Lima.